hernandesdiaslopes.com.br

Portas abertas e fechadas – Palavra da Verdade

Pr. Hernandes

16-21 minutos

Referência: Marcos 6.1-29

INTRODUÇÃO

O capítulo 5 de Marcos apresenta o triunfo da fé, enquanto o capítulo 6 registra a tragédia da incredulidade. O capítulo 5 de Marcos é um marco luminoso do poder de Jesus no meio da escuridão da miséria humana. Vemos nele o triunfo de Cristo sobre o diabo, a doença e a morte. Agora, no capítulo 6, vemos a incredulidade dos nazarenos, de Herodes e dos próprios discípulos.
Vamos considerar três situações: portas fechadas pela incredulidade, portas abertas pela proclamação do evangelho e portas fechadas pelo drama de uma

consciência culpada.

I. PORTAS FECHADAS PELA INCREDULIDADE – v. 1-6

J. R. Thompson fala sobre quatro fatos dignos de nota com respeito à incredulidade do povo de Nazaré:
Em primeiro lugar, a inexcusabilidade da incredulidade. Nesse tempo Jesus já havia se manifestado plenamente ao mundo. Havia operado muitos milagres em Cafarnaum, há trinta quilômetros de Nazaré.
Em segundo lugar, a causa da incredulidade. O povo tornou-se incrédulo por causa da origem de Jesus. Viam-no apenas como o carpinteiro, filho de Maria, cujos irmãos e irmãs eles conheciam. Além do mais, Jesus não tinha estudado nas escolas rabínicas e eles não podiam explicar seu conhecimento nem seu poder.
Em terceiro lugar, a reprovação da incredulidade. Jesus disse que um profeta não tem honra em sua própria terra. Seus irmãos não creram nele. Sua cidade não creu nele. Os líderes religiosos não creram

nele. A familiaridade em vez de gerar fé, produziu preconceito e incredulidade.
Em quarto lugar, a conseqüência da incredulidade. Jesus ficou admirado da incredulidade deles e ali não realizou milagres, em vez disso, deixou a cidade. Enfermos deixaram de ser curados e pecadores deixaram de ser perdoados por causa da incredulidade.
Vejamos alguns pontos de destaque neste texto:

1. Jesus oferece uma segunda chance à cidade de Nazaré

Jesus já havia sido expulso da sinagoga de Nazaré no começo do seu ministério (Lc 4.16-30). Naquela ocasião quiseram matá-lo, então, Jesus mudou-se para Cafarnaum. Agora, Jesus vai outra vez a Nazaré, dando ao povo uma nova oportunidade. Isso demonstra a misericórdia de Jesus, oferecendo ao povo uma nova oportunidade de arrependimento.
Ernesto Trenchard diz que Nazaré era o povo mais privilegiado do mundo, pois ali o Filho de Deus havia passado sua infância e

juventude, vendo os nazarenos muito de perto “a glória de Deus na face de Cristo” (2 Co 4.6). Por trinta anos Jesus andou pelas ruas de Nazaré e o povo contemplou sua vida irrepreensível, mas quando anunciou-lhes o evangelho, eles rejeitaram tanto a mensagem como o mensageiro.

2. O perigo da familiaridade com o sagrado

A familiaridade com Jesus produziu preconceito e não fé. Nada é mais perigoso para a alma do que acostumar-se com o sagrado. Os nazarenos viram Jesus apenas como filho de Maria e como carpinteiro e não como o Filho de Deus. A origem e a profissão de Jesus foram obstáculos para os seus compatrícios. William Barclay diz que às vezes estamos demasiadamente próximo das pessoas para ver sua grandeza. Eles pensaram que o conheciam, mas seus olhos estavam cegos pela incredulidade. Egidio Gioia diz que na religião a familiaridade gera o desprezo por causa da inveja.

3. O perigo do conhecimento divorciado da fé

O povo de Nazaré reconhecia que Jesus fazia coisas extraordinárias e tinha uma sabedoria sobre-humana. Eles fizeram três perguntas: donde vem a ele estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe é dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Eles tinham a cabeça cheia de perguntas e o coração vazio de fé. Porque eles não puderam explicá-lo, eles o rejeitaram. Eles levantaram muros para se defenderem do Espírito Santo. O contraste entre o humilde carpinteiro e o profeta sobrenatural foi muito grande para eles compreenderem. Então eles escolheram a descrença, uma escolha que deixou Jesus admirado (6.6).
Jesus foi rejeitado também pelos seus parentes e membros da sua própria casa. Sua família chegou a pensar que ele estava fora de si (3.21) e seus irmãos não creram nele até sua ressurreição (Jo 7.5; At 1.14).

4. A incredulidade fecha as portas da oportunidade para Nazaré

Jesus não permaneceu em Nazaré. Ele foi adiante. Ele não insistiu em arrombar a

porta. Nazaré perdeu o tempo da sua oportunidade. Realizar milagres em Nazaré poderia não ter nenhum valor porque o povo não aceitou sua mensagem nem creu que ele vinha de Deus. Portanto, Jesus seguiu adiante, procurando aqueles que pudessem responder aos seus milagres e à sua mensagem. Jesus deixou Nazaré pela segunda vez, e não há menção de que tenha voltado lá. A maioria das pessoas pensa quem tem ilimitadas oportunidades para crer, mas geralmente não há essa possibilidade.

5. A incredulidade de Nazaré fecha as portas para os milagres de Jesus

Quão terrivelmente desastroso é o pecado da incredulidade. A incredulidade rouba do povo as maiores bênçãos. Jesus não pôde fazer em Nazaré muitos milagres, antes ficou admirado por causa da sua incredulidade. O que significa este “Jesus não pôde”? Ele não podia querer, nestas circunstâncias. Ele também não devia. Pois onde se rejeita o doador, a dádiva é sem sentido, talvez até prejudicial. Jesus não

devia, e por isso também não queria. Neste sentido não podia. Como um princípio geral o poder segue a fé. Na maioria das vezes Jesus operou maravilhas em resposta e em cooperação com a fé.
Certamente isso não significa limitação do poder de Jesus, pois nada nem ninguém pode limitá-lo, mas implica que Jesus não estava disposto a fazer milagres onde as pessoas o rejeitavam por preconceito e incredulidade. Cranfield diz que na ausência da fé ele não poderia fazer obras poderosas, segundo o propósito de seu ministério, pois operar milagres onde a fé está ausente, na maioria dos casos, seria meramente agravar a culpa dos homens e endurecer seus corações contra Deus.
A incredulidade foi o mais velho pecado no mundo. Ela começou no Jardim do Éden, onde Eva creu nas promessas do diabo, em vez de crer na Palavra de Deus. A incredulidade traz morte ao mundo. A incredulidade manteve Israel afastado da terra prometida por quarenta anos. A incredulidade é o pecado que especialmente enche o inferno. “Quem não

crer será condenado" (16.16). A incredulidade é o mais tolo e inconseqüente dos pecados, pois leva as pessoas a recusarem a mais clara evidência, a fechar os olhos ao mais límpido testemunho, e ainda crer em mentiras. Pior de tudo, a incredulidade é o pecado mais comum no mundo. Milhões são culpados desse pecado por todos os lados.

II. PORTAS ABERTAS PARA A SALVAÇÃO

1. Jesus amplia o ministério comissionando os apóstolos

Jesus não chamou os apóstolos apenas para estarem com ele, mas também para enviá-los a pregar e a expelir demônios (Mc 3.14-21). Agora, que já estão treinados, eles são enviados. Eles estão indo em nome de Jesus, com a autoridade de Jesus, levando a mensagem de Jesus, como uma extensão da sua própria missão. Quem receber um desses mensageiros recebe a Jesus (Mt 10.40).

2. Jesus deu aos apóstolos a mensagem

Quando os apóstolos saíram a pregar aos homens, não criaram a mensagem: levaram a mensagem. Não levaram aos homens suas opiniões, mas a verdade de Deus. Os apóstolos focaram a missão em três áreas distintas:

Em primeiro lugar, eles pregaram arrependimento. A mensagem do evangelho começa com o arrependimento. Arrepender-se significa mudar de mente e logo adaptar a ação a essa mudança. O arrependimento não é lamentar-se sentimentalmente; é algo revolucionário; por isso são tão poucos os que se arrependem. Devemos chamar as pessoas ao arrependimento se queremos seguir as pegadas dos apóstolos. Nada menos do que isso deve ser exigido. E impossível alguém entrar no Reino dos Céus sem passar pela porta do arrependimento. John Charles Ryle diz que não há pessoas impenitentes no Reino dos Céus. Todos os que entram lá sentem, choram e lamentam a sua triste condição espiritual.

Em segundo lugar, eles curaram os enfermos ungindo-os com óleo. Os

apóstolos pregaram aos ouvidos e aos olhos. Falaram e fizeram. Proclamaram e demonstraram. Eles tinham palavra e poder. A salvação é uma bênção que se estende ao homem integral, corpo e alma. Os apóstolos ungiam os enfermos com óleo. O óleo tinha uma tríplice aplicação: era cosmético, remédio e símbolo espiritual. William Hendriksen entende que os discípulos usaram o óleo aqui não como remédio ou cosmético, mas como símbolo da presença, da graça e do poder do Espírito Santo. Nessa mesma linha de pensamento R. A. Cole diz que o óleo é um símbolo bíblico da presença do Espírito Santo, e, assim, a própria unção é uma "parábola encenada" da cura divina. Lenski é da mesma opinião e diz: "As curas sempre foram milagrosas e instantâneas – o óleo de oliva nunca opera dessa maneira".

Em terceiro lugar, eles expulsaram demônios. A libertação faz parte do evangelho. O Messias veio para libertar os cativos. Ele se manifestou para libertar os oprimidos do diabo e desfazer suas obras.

O reinado de Deus não estava penetrando num vácuo de poder. Adolf Pohl diz que todo missionário que quer “conquistar” pessoas para Deus precisa dominar o “espaço aéreo” sobre a fortaleza (Ef 6.12; Rm 15.19; 2 Co 10.4-6).

3. Jesus deu aos apóstolos a metodologia

As atitudes e ações dos apóstolos deviam reforçar a mensagem que eles iriam proclamar. Jesus ensinou alguns aspectos metodológicos importantes:
Em primeiro lugar, os apóstolos foram enviados de dois a dois. Isso fala de mútua cooperação, mútuo encorajamento, mútuo ensino e também de credibilidade do testemunho. A bíblia ensina que é melhor serem dois do que um (Ec 4.9) e é pelo testemunho de duas pessoas que toda causa se resolve (Dt 17.6; 19.15; 2 Co 13.1).
Em segundo lugar, os apóstolos deveriam confiar no provedor e não na provisão. Eles não deveriam levar túnica extra, alforje nem dinheiro. Deviam confiar na provisão divina enquanto faziam a obra. Jesus estava lhes

mostrando que o trabalhador é digno do seu trabalho. Jesus queria que eles fossem adequadamente supridos, mas não ao ponto de cessarem de viver pela fé. Jesus alerta sobre o perigo da ostentação. Os mensageiros não deviam ser temidos nem invejados. Eles não deviam fazer da obra de Deus uma fonte de lucro.
Em terceiro lugar, os apóstolos deveriam ser sensíveis à cultura do povo. Deviam comer o que se colocava na mesa e não deviam ficar mudando de casa, enquanto permanecia numa cidade. A hospitalidade era um dever sagrado no Oriente. Da hospitalidade faziam parte a saudação, levar os pés, oferecer comida, proteger e acompanhar na despedida. Os pregadores não podem violentar a cultura do povo ao pregar a eles a Palavra de Deus. O evangelho deve ser anunciado dentro do contexto cultural de cada povo.

4. Jesus ensinou que se devem aproveitar as portas abertas e não forçar as portas fechadas

Onde houvesse rejeição, os apóstolos não

deveriam permanecer, ao contrário, deviam seguir adiante. Era preciso buscar portas abertas. Paulo orou por portas abertas e onde elas se abriam permanecia pregando, mas onde elas se fechavam, ele ia adiante. O critério do investimento era o vislumbre de portas abertas.

5. Jesus alertou sobre o perigo de rejeitar o evangelho

Os apóstolos deveriam sacudir o pó de suas sandálias e considerar aquele território pagão. William Hendriksen diz que o que Jesus está dizendo, nesse texto, é que qualquer lugar, quer seja uma casa, vila, cidade ou vilarejo, que recuse aceitar o evangelho, deve ser considerado impuro, como se fosse um solo pagão. Não há salvação fora do evangelho. Não há salvação, onde a Palavra de Deus é rejeitada.

III. PORTAS FECHADAS COM AS PRÓPRIAS MÃOS

A família herodiana tem uma passagem sombria pela história. Era uma família

cheia de mentiras, assassinatos, traições e adultério. Herodes, o grande foi um monarca insano, desconfiado e inseguro. Ele casou-se dez vezes, matou esposas e filhos. Mandou matar as crianças de Belém, pensando com isso, eliminar o infante Jesus, rei dos judeus.
Herodes Antipas era o filho mais novo de Herodes, o grande (Mt 2.1). Ele era chamado de rei, mesmo que o seu título oficial era “tetrarca” (Lc 3.19), o governador de uma quarta parte da nação. Quando Herodes, o grande morreu, os romanos dividiram seu território entre seus três filhos; e Antipas foi feito tetrarca da Peréia e Galiléia, aos dezesseis anos, de 4.a.C. até 39 d.C.

1. Herodes, um homem perturbado

Herodes temia João Batista vivo, mas agora, o teme ainda mais morto. Sua consciência está atormentada e ele não sabe como livrar-se dela. Ninguém pode evitar viver consigo mesmo; e quando o ser interior torna-se o acusador, a vida torna-se insuportável. Herodes, em vez de

arrepender-se, endurece ainda mais seu coração. Adolf Pohl diz que nada é mais perigoso que uma consciência pesada sem arrependimento. Herodes está vivendo o conflito entre a consciência e a paixão. Dois aguilhões feriam a consciência de Herodes, o assassinato de João Batista e o medo de haver ele ressuscitado. João Batista havia se interposto no caminho do pecado de Herodes. Este para agradar sua mulher e acalmar sua consciência colocou João na prisão e depois mandou decapitá-lo. Herodias temia o povo, Herodes temia a João, mas este não temia nem a um nem a outro.

2. Herodes, o homem supersticioso

Herodes pensa que Jesus é João Batista que ressuscitou para perturbá-lo. Ele está tão confuso acerca de Jesus quanto a multidão da Galiléia. Sua crença está desfocada. Sua teologia é mística e supersticiosa. E uma teologia cheia de superstição traz tormento e não libertação. A superstição é uma fé baseada em sentimentos e opiniões. Não emana da

Escritura. Ela varia de acordo com o momento. Ela não oferece segurança nem paz.

3. Herodes, o homem adúltero

Herodes Antipas era casado com uma filha do rei Aretas, rei de Damasco. Divorciou-se dela para casar-se com Herodias, mulher de seu irmão Filipe. Herodias era cunhada e sobrinha de Herodes. Era filha de Aristóbulo, seu meio-irmão. Ao casar-se com Herodias, Herodes cometeu pecado de adultério e incesto, violando assim a moral e a decência (Lv 18.16,20,21). O casamento do rei foi duramente condenado por João Batista. Ele não era um profeta da conveniência, mas voz de Deus quer no deserto quer no palácio. Estava pronto a ser preso e a morrer, não a calar sua voz.

4. Herodes, o homem conflituoso.

Herodes teme João, gosta ouvi-lo, respeita-o, mas prende-o. A voz de Herodias falava mais alto que a voz da sua consciência. Ele não foi corajoso o suficiente para obedecer à palavra de João, mas agora se sente

escravo da sua própria palavra e manda matar um homem inocente. Não basta admirar e gostar de ouvir grandes pregadores. Herodes fez isso, mas pereceu. Herodes e Herodias estavam tão determinados a continuar na prática do pecado que taparam os ouvidos à voz da consciência e mais tarde silenciaram o profeta, mandando degolá-lo. Herodes silenciou João, mas não conseguiu silenciar sua própria consciência culpada.

5. Herodes, o homem fanfarrão.

Herodes festeja com seus convivas e se embebeda. Warren Wiersbe diz que as festas reais eram extravagantes tanto na demonstração de riqueza quanto na provisão de prazeres. Homens, mulheres, luxo, mundanismo, bebidas, músicas profanas e danças, pecados e Satanás com seus emissários… Tudo estava presente, menos o temor de Deus. E é o que ainda hoje tristemente contemplamos na sociedade mundana, sem Deus, transviada e perdida.
Herodes fez promessas irrefletidas à filha

de Herodias, a quem Josefo chama de Salomé e para manter sua palavra manda decapitar o homem a quem respeitava e temia. Herodes era um homem que agia por impulsos e falava antes de pensar. Sua festa de aniversário tornou-se numa festa macabra. O bolo de aniversário não veio coberto de velas, mas coberto de sangue com a cabeça do maior homem dentre os nascidos de mulher, o precursor do Messias. Faltou-lhe coragem moral para temer a Deus em vez de temer quebrar os seus votos insensatos, a pedido de uma mulher vingativa e de convivas fúteis.

6. Herodes, o homem que fecha as portas da graça com suas próprias mãos

Herodes viveu no pecado. Não ouviu o profeta, prendeu o profeta, matou o profeta e endureceu ainda mais o coração. Jesus o chamou de raposa. Jesus esteve com ele face a face, mas ele zombou de Jesus. Foi exilado e morreu na escuridão em que sempre viveu. No ano 39 d.C., Herodes Agripa (At 12.1), seu sobrinho, o denunciou ao imperador romano Calígula, e ele foi

deposto e banido para um exílio perpétuo em Lyon, na Gália, onde morreu.

CONCLUSÃO

O pecado não compensa. O prazer do pecado produz tormento eterno. Mas, o sofrimento por causa de Cristo não ficará sem recompensa no tempo e na eternidade. Herodes estava no trono e João na prisão. Hoje,o nome de Herodes está coberto de poeira e opróbrio, mas o nome de Jão Batista ainda inspira milhões de corações.
John Charles Ryle diz que fatos como esses, relembram-nos que as melhores coisas do verdadeiro cristão ainda estão por vir. Seu descanso, sua coroa, sua recompensa estão todos do outro lado da sepultura. Aqui neste mundo nós andamos por fé e não por vista. Aqui semeamos, trabalhamos, lutamos e sofremos perseguições. Mas esta vida não é tudo. Haverá uma recompensa. Há uma gloriosa colheita por vir. Há um descanso para o povo de Deus. O que nem um olho viu nem ouvido ouviu é que Deus preparou para

aqueles que o amam.

Rev. Hernandes Dias Lopes.